AVEIRO, 4 DE JANEIRO DE 1980 — ANO XXVI — N.º 1278

SEMANÁRIO

PREÇO AVULSO — 7$50

Director, editor e proprietário — David Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

O EQUILÍBRIO DO TERROR

CUNHA AMARAL

VIVEMOS numa época em que a violência mais ou menos generalizada, com as mais variadas tentativas de justificação e explicação, é um facto a que quase nos habituamos no nosso dia-a-dia; quando não assistimos nós próprios às manifestações desta violência, dela tomamos conhecimento através dos jornais ou da televisão.

Mas poucos de nós nos apercebemos de que, hoje em dia, se vive sobre um barril de pólvora, pronto a explodir. Se é certo que uma grande conflagração mundial, a terceira, ainda não rebentou, não deixa de ser verdade que todos os ingredientes necessários para alimentar essa terceira guerra mundial já existem em grande abundância e não deixam de aumentar constantemente. O Pacto de Varsóvia e a NATO são organizações militares, que agrupam países com ideologias políticas muito diferentes; toda a gente conhece bem o que, politicamente, distingue os países que constituem o Pacto de Varsóvia, daqueles que constituem a NATO. Mas o que é curioso, é que ambos — Pacto de Varsóvia e NATO — não se cansam de afirmar que não têm quaisquer intenções agressivas em relação ao outro, mas que apenas pretendem ter a força necessária para se defenderem da possível agressão do opositor.

Ora, os países da NATO acabam de verificar que estão em situação de nítida inferioridade em relação aos países que constituem o Pacto de Varsóvia, cujas forças são, na sua esmagadora maioria, constituídas pelas forças militares da U.R.S.S.

Este desiquilíbrio verifica-se, não só nas forças convencionais, como nas armas atómicas.

Enquanto que, do lado do Oriente, existem, apontados para o Ocidente, mísseis dos mais modernos, portadores de ogivas nucleares, capazes de destruir simultaneamente quaisquer das cidades da Europa Ocidental, os mísseis existentes deste lado, menos sofisticados e de pequeno alcance, não constituem uma verdadeira força dissuasora em relação a qualquer veleidade agressiva do Pacto de Varsóvia, ou mesmo relativamente a pressões políticas baseadas numa superioridade real de forças militares. Com vista a restabelecer o equilíbrio de forças, resolveu a

Continua na página 3

Em 11 de Janeiro de 1928, o diário Correio da Manhã publicou uma página regional dedicada a Aveiro.

Dali transcrevemos o que sobre «A Entrega dos Ramos» deu a lume o consagrado e saudoso aveirense «Ermita da Quinta de S. Francisco» — palavras que o Litoral arquiva para deleite dos seus leitores e, sobretudo, para que elas não se percam nas colunas dum jornal extinto e já hoje muito raro.

A ENTREGA DOS RAMOS

JAIME DE MAGALHÃES LIMA

PELO Natal fazia-se a Entrega dos Ramos.

Os ramos eram altos, uma pirâmide, de flores artificiais, e em número limitado, certo, e pequeno. Nem sempre chegavam para quantos os queriam receber, às vezes por promessa feita ao Divino Sacramento em horas de angústia. Distribuiam-se pelos irmãos da confraria do Santíssimo, que no ano em que o recebiam se obrigavam a «servi-Lo» — era o termo — isto é, se obrigavam aos encargos das festividades anuais ordinárias da confraria, sendo a principal a celebração da Semana Santa. Cada irmão, dos chamados a essa dignidade, ficava de posse de um ramo e durante o período de exercício guardava-o segundo a sua devoção, a seu modo, ora em casa, na sala, junto do oratório onde tinha o crucifixo, ora na igreja, num altar, ao lado do santo da sua maior fé. E enquanto consigo tinha o símbolo precioso de uma sujeição apetecida com ardor, seria esse símbolo uma benção, um consolo e um conforto, luz do céu, afago que protegia de todos os males o lar onde entrara.

A entrega era solene; na igreja ou à porta. Pelo Natal vinham à igreja os irmãos cujo ano de serviço findava então e iam entregar o ramo aos que os substituiam e haviam sido eleitos previamente. Cantava-se a missa com um esplendor em que as irmandades porfiavam empenhando os brios, e ao fim, em arruído de grande festa, entre músicas e grande abundância de foguetes, os irmãos, incorporados em cortejo, dois a dois, com suas opas de seda vermelha, e, as mais ricas, de borlas de oiro, seguiam pelas ruas da cidade a entregar os ramos em casa dos que os recebiam à porta ou nas capelas aprazadas para esse fim.

Quem recebia o ramo à porta, descia à entrada da casa, no melhor trajo, a acolher o hóspede bendito. No patamar, punham-se duas almofadas, quanto mais ricas melhor, e sobre elas ajoelhavam o irmão que recebia o ramo e o que o entregava.

O que o entregava beijava-o antes de o deixar, e quem o recebia beijava-o, por sua vez, ao tomá-lo nas mãos, e imediatamente o passava à mulher mais graduada da família, em regra esposa ou filha, que ali estava já, ao lado, expressamente para desse modo confessar a sua fé enternecida e prestar culto e reconhecimento às honras de que partilhava. Depois, os dois parceiros erguiam-se e abraçavam-se, e os irmãos que vinham no cortejo, apressavam-se, um por um, a abraçar o neófito.

Na igreja ou nas capelas o ritual da entrega era o mesmo. E sempre, enquanto a entrega se consumava, se ouviam as músicas e os foguetes, e muitas lágrimas de comoção se derramavam. Era a visita do Senhor!... A ela se associavam os estranhos, amigos dos irmãos, concorrendo para a realçar com grande número de foguetes. Se se tratava de pessoa de muitas relações e estimada, os

Continua na página 8

O LIVRO DE SAN MICHELE-I

VASCO DE LEMOS MOURISCA

QUANDO, em Setembro de 1934, saiu, em Paris (Albin Michel), a primeira edição francesa do Livro de San Michele, do médico e Escritor sueco DR. AXEL MUNTHE, eu fui a primeira pessoa a lê-la em Portugal. E por esta simples razão: eu tinha um amigo em Paris com funções na famosa Editora. E que teve a gentileza de me enviar um exemplar, antes até de ele ser posto à venda em França.

No ano seguinte, os jornais portugueses falaram muito da obra, mas porque teriam vindo poucos para cá, ou porque o livro seria caro, já não me lembro, o certo foi que ninguém conhecia o LIVRO DE SAN MICHELE, senão por ter ouvido outrem falar dele.

A segunda pessoa a ler o livro foi o meu saudoso conterrâneo e dilecto Amigo DR. ARMANDO DE ALBUQUERQUE, que ficou maravilhado, tal como eu, com o seu conteúdo. Era eu estudante de Direito na Universidade de Lisboa.

Em Agosto de 1936, fui às águas para Vidago. Ou já ia para o Gerez? Foi, foi para o Gerez, porque fui lá encontrar a Escritora Oliva Guerra, que já conhecia de Lisboa. Eu tinha levado o Livro, que continuava a ser muito falado e não conhecido.

Talvez para armar aos tentilhões... — a mocidade desculpa todas as prosápias — levei o livro para o Gerez e ia lê-lo para a bicha da Fonte.

Oliva Guerra, com aquela sua exuberância, fez um espanto que desfez a bicha!... Houve, até, não sei quem que julgou que nós havíamos descoberto um poço de petróleo! Nessa altura, a gasolina era caríssima!, era a dez tostões o litro!... E Oliva Guerra foi logo ler o livro, depois de ficar boquiaberta e contar a toda a gente conhecida — o Gerez abarrotava do gràofino desse tempo — que eu já tinha lido o livro dois anos antes!

Há uns meses, ali em Aveiro,

Continua na página 3

PARAGEM

ANTÓNIO MARUJO

QUEM FAZ?

PESSOA bem informada, porque responsável, dizia-me que sobe todos os dias (na região de Aveiro) o número de jovens que tentam o suicídio, fogem de casa ou se «refugiam» na droga, na prostituição, no crime...

Para muita gente, aliás, o facto já não será novidade.

Continua na página 3

ARCA DE ANTIGUIDADES

HUMBERTO LEITÃO

LOA DA PRINCESA SANTA

Sextilhas de Frei Antão

VERSOS arcaicos, escritos à moda dos trovadores, da autoria do poeta brasileiro António Gonçalves Dias (1823-1864).

A Princeza Dona Joanna
Sahio dos Paços reais;
Era moça, e muito airosa,
E dona de partes tais,
Que todos lhe qu'rião muito,
Estranhos e naturais!

Foy requerida de muitos
E muito grandes senhores,
Por fama que della tinhão,
E por copia de pintores,
Que muitos vinhão de fóra
Ao cheiro de seos louvores.

E diz-se d'hum rey de França,
Ludovico, creio eu:
Hum pobre frade mesquinho
Só trata em coisas do céo;
Sabe elle que muito sabe,
Se a bem morrer aprendeo.

Pois diz-se do rey de França,
O onzeno do nome seo,
Que vendo hum retrato destes
Pera si logo entendeo
Qu'era prodígio na terra
Quem tanto tinha do céo.

Sahio a real Princeza,
Sahio dos Paços reais.
Nos pulsos ricas pulseiras,
Na fronte finos ramais;
De longe seguem-lhe a trilha
Muitos bons homens segrais.

Traçava hum mantéo vistoso
Sobolas suas espaldas,
E as largas roupas na cinta
Prendia em muitas laçadas;
Seos olhos valião tanto
Como duas esmeraldas.

Tinha elevada estatura
E meneyo concertado,
Solto o cabello em madeixas,
Pelas costas debruçado:
Cadeixo de fios d'oiro,
Franjas de templo sagrado.

Passava noites inteiras
No oratorio a rezar,
Dormia depois na pedra
Sem ninguem o suspeitar;
Extremos tais em princeza
Quem n'os ha de acreditar?

No dia de lava-pés
Ordenava ao seu Vedor,
Trazer-lhe doze mulheres;
E depois, com muita dor,
Chorando os pés lhes lavava,
Honra de nosso Senhor!

Continua na página 8

EXPOSIÇÕES DE ARTE

No fim de ano de 79 e nos sequentes dias do ano que começou agora, a região de Aveiro marcou posição de relevo no domínio das Artes Plásticas, com Exposições que despertaram compreensível interesse: duas, já aqui oportunamente anunciadas: uma de AVEIRO/ /ARTE, sector artístico integrado no Clube dos Galitos, número alto do programa memorativo das «BODAS DE DIAMANTE» da tão prestigiosa colectividade; a outra, de HELDER BANDARRA, nome grande nas artes aveirenses. Também PÊGO GUEDES e COSTA HENRIQUES patentearam quadros seus em Stand local da «Fiat».

Por sua vez, o Museu Histórico da Vista Alegre mostra, num magnífico conjunto de trabalhos, o multifacetado talento de Mestre PALMIRO PEIXE.

Estes acontecimentos serão objecto, em próxima edição, de novas e desenvolvidas referências.

PASSAGEM DE TESTEMUNHO

A. Tomaz

— Até aos 100 dias cheguei eu. Vamos lá a ver se tens fôlego para os outros 300!

N. do A. — Pelo menos vai abençoado com o... benefício da dúvida!

«BODAS DE PRATA»

Décima primeira edição comemorativa

Primeiro Cartório Notarial do Porto

Notário: Dr. Domingos Portela

RUA SÁ DA BANDEIRA, N.º 69-2.º

«CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE»

Certifico, que por escritura de 4 de Dezembro corrente, lavrada de fls. 118 a 124 verso do livro A.123 de escrituras diversas deste cartório, foi constituída um SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA que se regerá pelos ESTATUTOS seguintes:

«ARTIGO PRIMEIRO — A sociedade adopta a denominação de «INDASA — INDÚSTRIA DE ABRASIVOS, S.A.R.L.», e durará por tempo indeterminado, a contar desta data.

ARTIGO SEGUNDO — A sede e domicílio da sociedade é na cidade de Aveiro, podendo ser transferida por deliberação do Conselho de Administração.

PARÁGRAFO ÚNICO — O Conselho de Administração poderá criar, dentro e fora do País, as delegações ou qualquer outra forma de representação social que julgar conveniente.

ARTIGO TERCEIRO — O objecto social consiste na exploração da indústria e comércio de abrasivos flexíveis.

ARTIGO QUARTO — O capital social é de VINTE E CINCO MILHÕES DE ESCUDOS e encontra-se inteiramente subscrito e dividido em vinte e cinco mil acções, cada uma do valor nominal de mil escudos, e totalmente realizado em dinheiro.

ARTIGO QUINTO — As acções serão ao portador e haverá títulos de uma, cinco e cinquenta acções, que serão assinados por dois administradores.

ARTIGO SEXTO — A sociedade poderá emitir obrigações, nos termos da lei aplicável e nas condições que forem estabelecidas em assembleia geral.

ARTIGO SÉTIMO — Por deliberação do Conselho de Administração, a sociedade poderá adquirir e alienar acções, quotas, quinhões e obrigações de outras sociedades e, bem assim, estabelecer com aquelas sociedades (ou com firmas em nome individual) contratos de conta em participação.

ARTIGO OITAVO — A Administração da sociedade será exercida por um Conselho de Administração constituído por três ou cinco membros, eleitos trienalmente, um dos quais, designado pela assembleia geral eleitora, será Presidente;

PARÁGRAFO ÚNICO — O Conselho de Administração poderá designar, de entre os seus membros, um administrador-delegado, ao qual caberá, especialmente, o expediente e execução das resoluções do conselho.

ARTIGO NONO — Qualquer membro do conselho de administração poderá delegar todos ou parte dos seus poderes, por uma ou mais vezes, mesmo em pessoas estranhas à sociedade, através de instrumento público em que sejam especificados esses poderes, se forem delegados apenas em parte.

ARTIGO DÉCIMO — Compete ao conselho de administração, sem prejuízo dos demais direitos que lhe confere o Código Comercial:

a) Exercer os poderes de gerência e de representação oficial da sociedade;

b) Representar a sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente;

c) Nomear e admitir gerentes técnicos ou comerciais, ou quaisquer empregados, e fixar as respectivas atribuições e remunerações; e

d) Constituir mandatários nos termos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

ARTIGO DÉCIMO-PRIMEIRO — Os documentos que envolvam responsabilidade ou obrigações para a sociedade terão de ser assinados, em conjunto, por: dois administradores; um administrador e um mandatário de outro; um administrador e um mandatário da sociedade; dois mandatários da sociedade; um mandatário de um administrador e um mandatário da sociedade;

PARÁGRAFO PRIMEIRO — A sociedade também ficará validamente obrigada pela assinatura do administrador-delegado, se o houver, ou ainda de um mandatário com poderes para, por si só, praticar determinado acto ou determinados tipos de actos;

PARÁGRAFO SEGUNDO — É suficiente a assinatura de um só administrador ou mandatário nos documentos que titulem actos de mero expediente; e

PARÁGRAFO TERCEIRO — A intervenção de mandatários está sempre condicionada à extensão dos poderes conferidos ou delegados.

ARTIGO DÉCIMO-SEGUNDO — Fica proibido aos membros do conselho de administração responsabilizar a sociedade por actos a que esta seja estranha, como emprestar fundos ou valores a ela pertencentes ou empregá-los em actividades que não respeitem ao seu objecto, havendo-se por nulos os que contrariem o estipulado, sem prejuízo das sanções legais aplicáveis aos faltosos.

ARTIGO DÉCIMO-TERCEIRO — O conselho de administração reunirá, normalmente, uma vez por mês, e, além disso, todas as vezes que o presidente o convoque, devendo constar das respectivas actas as deliberações que forem tomadas;

PARÁGRAFO PRIMEIRO — O presidente convocará a reunião do conselho de administração sempre que o julgue conveniente e, ainda, quando for solicitado para tal por algum dos seus membros; e

PARÁGRAFO SEGUNDO — Fora dos casos em que se dispõe contrariamente, as deliberações serão tomadas por maioria de votos, tendo o presidente, em caso de empate, o voto de qualidade.

ARTIGO DÉCIMO-QUARTO — A fiscalização da sociedade será exercida por um conselho fiscal, constituído por três membros efectivos e um suplente, eleitos trienalmente pela assembleia geral, ou por uma sociedade revisora de contas, nos termos permitidos pelo artigo quarto do Decreto-Lei número quarenta e nove mil trezentos oitenta e um, de quinze de Novembro de mil novecentos e sessenta e nove.

ARTIGO DÉCIMO-QUINTO — O conselho fiscal terá as atribuições que, por lei, lhe competem.

ARTIGO DÉCIMO-SEXTO — O conselho fiscal reunirá, ordinariamente, uma vez por trimestre, em dia designado pelo presidente, e, extraordinariamente, sempre que algum dos seus membros o julgue conveniente, e, ainda, a pedido do conselho de administração, para dar o seu parecer sobre assuntos que este lhe submeta;

PARÁGRAFO ÚNICO — As deliberações são tomadas por maioria de votos, tendo o presidente, em caso de empate, voto de qualidade.

ARTIGO DÉCIMO-SÉTIMO — O conselho de administração e o conselho fiscal poderão reunir em sessão conjunta para deliberação dos assuntos que exijam parecer do conselho fiscal ou a solicitação do presidente de qualquer destes corpos administrativos;

PARÁGRAFO PRIMEIRO — A convocação destas sessões conjuntas será feita pelo presidente do conselho de administração, por carta registada, indicando o assunto a tratar, expedida com a antecipação mínima de cinco dias, sendo, porém, válidas as deliberações tomadas, independentemente de convocação, desde que estejam presentes à sessão todos os membros destes corpos administrativos; e

PARÁGRAFO SEGUNDO — A reunião presidirá o presidente do conselho de administração ou, no seu impedimento, o membro do conselho de administração que este designar para o efeito, o qual, em caso de empate, terá voto de qualidade.

ARTIGO DÉCIMO-OITAVO — É permitida a reeleição, por uma ou mais vezes, dos membros dos conselhos de administração e fiscal.

ARTIGO DÉCIMO-NONO — No caso de impedimento prolongado ou definitivo de quaisquer dos membros dos conselhos de administração ou fiscal, os dois corpos administrativos, em sessão conjunta, nomearão um accionista para o lugar, o qual exercerá as suas funções até à primeira assembleia geral, que providenciará sobre o assunto, como achar conveniente.

ARTIGO VIGÉSIMO — A remuneração dos membros dos conselhos de administração e fiscal será fixada em assembleia geral, podendo revestir a forma de ordenado fixo, gratificação e percentagem nos lucros, em conjunto, ou apenas alguma ou algumas dessas modalidades.

ARTIGO VIGÉSIMO-PRIMEIRO — Os membros do conselho de administração caucionarão ou não o exercício dos seus cargos conforme for deliberado em assembleia geral.

ARTIGO VIGÉSIMO-SEGUNDO — A assembleia geral é constituída por todos os accionistas possuidores de um mínimo de cem acções ou títulos de subscrição que as substituem e que se achem averbadas em seu nome nos registos da sociedade, ou depositadas em Instituição de Crédito, até três dias antes da realização da assembleia geral, em primeira convocação.

ARTIGO VIGÉSIMO-TERCEIRO — Cada grupo de cinquenta acções dá direito a um voto.

ARTIGO VIGÉSIMO-QUARTO — Os accionistas com direito a voto poderão fazer-se representar por outros accionistas a quem confiram mandato em termos legais ou simples carta dirigida ao presidente da assembleia geral com a assinatura reconhecida, devendo tal documentação dar entrada na sede social até à hora designada para a assembleia.

ARTIGO VIGÉSIMO-QUINTO — A assembleia geral poderá funcionar em primeira reunião desde que se achem presentes accionistas com direito a voto que representem um mínimo de cinquenta por cento do capital social.

ARTIGO VIGÉSIMO-SEXTO — Se a assembleia geral não puder funcionar, à primeira convocatória, por insuficiência do número de accionistas ou capital, será convocada nova reunião, que terá lugar dentro de trinta dias, mas não antes de quinze, considerando-se válidas as deliberações nela tomadas, qualquer que seja o número de accionistas presentes e o capital representado.

ARTIGO VIGÉSIMO-SÉTIMO — O clausulado nos dois artigos anteriores não se aplica à assembleia geral destinada, no todo ou em parte, à nomeação de liquidatários, caso em que se observará o preceituado no parágrafo primeiro do artigo cento e trinta e um do Código Comercial.

ARTIGO VIGÉSIMO-OITAVO — A mesa da assembleia geral será constituída por um presidente e dois secretários, eleitos trienalmente de entre os accionistas, sendo permitida a reeleição.

ARTIGO VIGÉSIMO-NONO — A assembleia geral reunirá:

a) Em sessão ordinária, no primeiro trimestre de cada ano;

b) Em sessão extraordinária, sempre que os conselhos de administração ou fiscal o julguem conveniente ou quando requerida por accionistas que representem, pelo menos, vinte e cinco por cento do capital social.

ARTIGO TRIGÉSIMO — Os membros da mesa terão direito à remuneração que lhes for fixada em assembleia geral, em função das reuniões a que assistam.

ARTIGO TRIGÉSIMO-PRIMEIRO — As sociedades que forem eleitas para qualquer cargo social indicarão, por escrito, quem as há-de representar no exercício desse cargo.

ARTIGO TRIGÉSIMO-SEGUNDO — Os lucros líquidos verificados nos balanços anuais terão a seguinte aplicação:

a) Cinco por cento para o fundo de reserva legal, até atingir vinte por cento do capital social e sempre que seja necessário reintegrá-lo; e

b) Os restantes terão a aplicação que for deliberada em assembleia geral dentro do preceituado nestes estatutos e demais disposições legais aplicáveis.

ARTIGO TRIGÉSIMO-TERCEIRO — A liquidação da sociedade será feita pelo conselho de administração, se a assembleia geral não determinar o contrário.

ARTIGO TRIGÉSIMO-QUARTO — (Transitório) — No dia dois de Janeiro de mil novecentos e oitenta reunirá na sede social, pelas dez horas, a assembleia geral para eleição dos membros do conselho de administração, conselho fiscal e mesa da assembleia geral, bem como para fixação da remuneração a que terão direito e ainda para determinar a forma pela qual os membros dos aludidos conselhos caucionarão o exercício das suas funções.

ARTIGO TRIGÉSIMO-QUINTO — (Transitório) — Até à assembleia geral referida no artigo anterior ficam desde já nomeados administradores os accionistas BENJAMIM PINHO DOS SANTOS, ABÍLIO MENDES DE AZEVEDO e MANUEL FERNANDES MENDES DE AZEVEDO».

Extraída em conformidade com o original para efeito de publicação, declarando que na parte omitida nada há em contrário ou além do que nesta certidão se narra e transcreve.

Porto e Primeiro Cartório Notarial, aos seis de Dezembro de mil novecentos e setenta e nove.

O AJUDANTE DO CARTÓRIO,

a) João Baptista Gonçalves Ribeiro

LITORAL - Aveiro, 4/1/80 — N.º 1278

A Entrega dos Ramos

Continuação da 1.ª página

foguetes no momento da entrega eram um chuveiro, atroador, dúzias e dúzias.

À noite, a exaltação orgíaca coroava o alvoroço religioso e cedia o lugar à festa pagã, pantagruélica. Quem recebeu o ramo «à porta», recebeu também presentes formidáveis dos amigos e dos clientes, arráteis e arráteis de doce, vinhos finos e toda a sorte de manjares e iguarias, e, chegada que fosse a noite, começavam os banquetes por suas singulares cartas de admissão. Quem lá ia, não era convidado pelo dono da casa; convidava-se, dando testemunho de o felicitar e de se alegrar com a sua alegria. Chegava à porta, lançava a sua dúzia de foguetes, e o beneficiado da graça do Santíssimo e do carinho dos amigos, sentindo os foguetes, vinha à porta a abraçar e receber quem os lançava, e feita esta vénia, que era de rigor, imediatamente sentava à mesa aquele que acabava de lhe significar a sua amizade.

Nos bons tempos, nos tempos cássicos, quem fazia essa visita trajava gabão, unido à cinta por uma faixa de pescador, e o barrete vermelho, de orla branca, o gorro napolitano dos nossos pescadores, agora em decadência, quase completamente proscrito pelo «bonnet» do comunismo e da banalidade cosmopolita aperaltada.

Receber o ramo era uma consagração, um título de dignidade, cobiçado dos humildes e apreciado pelos mais subidos, para os humildes a honra suprema da sua vida à qual não raro sacrificavam o melhor dos seus haveres, achando que as primícias da fortuna pertenciam ao Senhor. Quando o amigo ou o modesto dependente recebia o ramo, se o fidalgo não fosse pessoalmente a saudá-lo, mandaria o criado com a dúzia de foguetes a cumprir a sua obrigação. E na casa de quem recebeu o ramo à porta acharia acautelada esta visita dos do povo; porque tinha duas mesas, uma de manjares mais delicados para os que por condição se achavam habituados a usá-los, e outra de manjares mais grosseiros, entre os quais avultavam as caldeiradas de peixe, e vinhos de pasto, a jorro, para paladares menos afinados, que a quantidade rascante mais convida do que a qualidade superfina.

Durou isto longos anos. Vinha de longe, realmente. De tão longe que nem, que eu saiba, a tradição guardava lembrança da data da instituição. Até que um dia, passando dos Pirinéus para cá o racionalismo devastador que lá apedrejava a tradição, a religião começou a ser alcunhada de superstição, e quanto o passado criara e lhe juntara para a adornar e proclamar foi lançado no rol das velharias, e os espíritos fortes desprezaram-no, e deixaram-no para os espíritos fracos que o guardaram do naufrágio na sublimidade da alma popular, na verdade o único guarda fidelíssimo da tradição.

Depois, alguém o foi lá buscar; o estudo, o amor do conhecimento que não é ainda o conhecimento do amor, e o deleite da cor e do movimento, e, às vezes, também o snobismo antiquário, antimodernista, e o bricabraquismo dos costumes que se compraz em coligir relíquias empoeiradas, e também a experiência da aridez da novidade racionalista e a sede de sinais de vida menos agreste — tudo isto em que a frivolidade e a sapiência se conjugaram para uma obra de justiça e de reparação, surgiu, cresceu e ganhou fama, e a Entrega dos Ramos recuperou foros de cidade, aqui por curiosidade, além por tolerância, adiante por simpatia dos mais ávidos de regalos históricos e das suas reminiscências palpitantes, e mais adiante ainda por uma assinalada revisão dos valores sociais. Mero «interesse» e acidente de beleza para uns, desfastio de paladares saturados de lógicas, e convenção para outros, incitados por vagos apetites de ingenuidade, para outros modo de ser político e religioso que obriga ao nosso respeito, assim a Entrega dos Ramos chegou claudicante até aos nossos descorados dias, — ora porque o povo o exigia, ora pelo próprio peso e natural resistência do estabelecido e fundado na fortaleza de sãos instintos, ora porque a gente fina e acéptica, cedendo à comodidade de viver em paz com a suposta gente bárbara, lhe concedia suas liberdades, embora no íntimo lhes reputasse infantis e ridículos os afectos e usos, ora porque uma aristocracia de contemplativos dos cortejos históricos e suas pompas lhes pressentia a razão de ser, legitimidade, e não cedia do direito de se instruir e deleitar com a sua presença onde quer que lhe sonhasse as evocações.

O que, porém, terá talvez escapado aos estetas mais delicados da Entrega dos Ramos e constitui, se não me engano, uma das folhas mais gloriosas e fecundas dos pergaminhos dessa nobreza dos irmãos do Santíssimo, é a significação social dessas festas, e o que elas representam como interpretação e tradução do sentimento político da comunidade que as adoptou e estremece, integrando admiravelmente, no mesmo arrebatamento, a religião e a humanidade, a igreja e a cidade, Deus e o próximo. Tanto pode a obliteração da lembrança da essência de coisas que o hábito revestiu da obtusidade própria de acções repetidas na semi-inconsciência de quanto por diuturnidade de exercício nos vagueia no sangue e subsiste sem nos tocar o entendimento, tanto pode a inércia que assim se alarga, que os letrados e os analfabetos, os fidalgos e os plebeus, todos vêem passar os ramos sem já considerarem que quem entrega o ramo é e fica sendo o «parceiro» de quem o recebe, e que esses que ali vão incorporados, ombro a ombro, com iguais insígnias, e entre os quais, frequentemente, é por antiguidade «juiz» o mais humilde, esses abrangem e nivelam todas as classes, postas com perfeita paridade perante o altar do Senhor, consagrados ao serviço do Santíssimo. No mesmo altar ajoelharam e se abraçaram, ali se reconheceram filhos do mesmo pai e votados ao mesmo destino, numa humildade não só íntima mas também externa, tangível, tocando pela beleza os sentidos enquanto na abdicação religiosa confunde e domina os corações. Talvez por isso, por um misterioso reconhecimento da elevação e dignidade que favorecia, é que gente do povo tanto se exaltou para ali chegar, para tomar lugar no cortejo em que as soberbas se abatem, em que vão a par, e pares são, para todos os efeitos e para sempre, o morgado e o cavador, o rico e o pobre, o que para se lhe juntar desceu as escadas do palácio em trajo de gala e o que para lhe vir ao encontro transpôs apenas a porta baixa da choupana, vestindo sob o burel a camisa de linho grosseiro, a dos dias grandes, que a companheira teceu e guarda na arca, rescendendo a trevo e alfazema e rosmaninho.

De forma que, na luzida procissão que passa a entregar os ramos, vai juntamente o culto da formosura e uma filosofia da vida, uma concepção das relações humanas, de alta nobreza, robusta porque foi gerada na alma popular onde reside toda a sabedoria sã, vai a glorificação de um pensamento político que o cortejo cívico mais engenhoso não conseguirá atingir, vai a proclamação fundamental de uma igualdade em que todas as hierarquias se anulam e confundem, a igualdade perante o Altíssimo, a comunhão no Senhor.

Assim aconteceu que, por efeito de salutares instintos poderosíssimos, a religião da minha terra traduz por um momento a mais elevada e lúcida democracia, e em forma de beleza opera um milagre de igualdade que, sendo aqui uma alegria triunfante, nunca por qualquer outra via passará de um constrangimento soturno. É que há duas igualdades, a igualdade na cobiça, a igualdade na avareza, a igualdade na abdicação platónica, a igualdade no reino dos céus; há a igualdade do direito e a igualdade do dever, a igualdade nos bens do mundo e a igualdade na consagração religiosa, a igualdade nas profundezas da sordidez, a que se verifica descendo, e a igualdade na exaltação divina, a que se consuma nas alturas, A Entrega dos Ramos é desta última espécie; é a confissão feliz da igualdade no serviço e pelo serviço do Senhor.

JAIME DE MAGALHÃES LIMA

(In «Litoral» de 1 de Janeiro de 1955)

PARAGEM

Continuação da 1.ª página

Mas a verdade é que ainda ninguém tomou nenhuma resolução, fez alguma coisa ou, sequer, apelou para a solução de tamanho problema. No entanto, continua a dizer-se que os jovens são os homens de amanhã (o Papa Paulo VI disse, uma vez, que os jovens são os homens de amanhã e os cristãos de hoje) e que o futuro está nos jovens (este ano adaptou-se a frase às crianças, por causa do «ano internacional»)...

Há que notar, por outro lado, que a maioria dos jovens que procuram acabar a vida (no sentido físico ou psicológico) são estudantes; o que vem mostrar (pois, pessoalmente, não acredito em coincidência) que o ensino que temos (tido) é uma fonte de insatisfação e desespero. O que é mau...

●

Afinal, nós, jovens (digo nós, porque também o sou), somos mesmo um problema. Não porque um jovem seja difícil de «aturar», que não é. Mas problema porque ninguém ainda conseguiu dar solução às nossas incógnitas, às nossas aspirações, ao nosso desejo de autenticidade. Só nos ofereceram e oferecem (como quem dá a chupeta a um bébé para ele se calar) casas de jogos, para queimar tempo e dinheiro; muitos filmes, que só servem para passar uma tarde ou uma noite, donde não se tira qualquer mensagem; os jornais, quase todos subjugados a interesses económicos ou políticos (e que, por isso, não falam com Verdade e Justiça); uma televisão, que não educa e nos impinge novelas, folhetins, «planetas», publicidade e o demais lixo que se vê; um ensino, que nos tira a criatividade e diz que está tudo feito; uma sociedade de consumo e desperdício, onde a máquina e a técnica ditam as leis, transformando o Homem em peça; etc., etc.

Não é de admirar muito, por tudo isto, que muitos jovens (cada vez mais) caiam no desespero e acabem com a vida. Será de admirar, isso sim, se nada se fizer JÁ para acabar com esta situação.

Passámos novo tempo de eleições. Pessoalmente, acredito pouco no que os partidos possam (queiram) fazer (embora fosse bom que os candidatos eleitos por Aveiro pensassem bem no assunto...). Mas, o que é certo, é que alguém tem que fazer alguma coisa. Para que possa haver futuro. Para Portugal e para Aveiro. Futuro, no fundo, para o Homem!

Quem faz?...

ANTÓNIO MARUJO

Arca de Antiguidades

Continuação da 1.ª página

Depois n'hum dia fermoso,
Era no mez de Janeiro,
Houve uma scena vistosa
Dentro de hum pobre mosteyro;
Fundou-o Brites Leytoa,
Dona mui nobre d'Aveiro.

Huma princeza jurada,
Sobrinha d'altos Iffantes,
Filha de reys soberanos,
Senhora das mais pujantes,
Era a primeira figura,
Espantava os circunstantes.

Aly humilde e curvada,
Pezar de todos os seos,
Giolhos sobre o ladrilho
E as mãos erguidos aos céos,
Ouvi — exigua mortalha
Pedir polo amor de Deos.

Cantemos todos louvores,
Louvores ao Senhor Deos:
Os anjos digão seo nome,
Rostos cobertos com véos;
Leião-n'o os homens escripto
No liso campo dos céos.

Bom tempo foy o d'outrora
Quando o reyno era christão,
Quando nas guerras mouriscas
Era o rey nosso pendão,
Quando as donas consumião
Seus teres em devação.

. . . .

«Isto escreveo Frei Antão
De vida mui alongada,
Nossa Senhora da Escada
O teve por Capellão».

O Equilíbrio do Terror

Continuação da 1.ª página

NATO instalar, na Europa, mísseis modernos, com alcance suficiente para atingir quaisquer cidades da U.R.S.S.

Pretende a União Soviética, verdadeiro chefe-de-fila dos países que constituem o Pacto de Varsóvia, que estes mísseis não sejam instalados, retirando 20 000 homens e 1 000 tanques das suas forças estacionadas na Alemanha Democrática. Ora, segundo parece, esta retirada de forças não restabeleceria o equilíbrio num nível mais baixo, já que pelo menos se manteria a superioridade em mísseis, capazes de destruirem a Europa Ocidental, enquanto que o território da U.R.S.S. manteria a sua relativa imunidade em relação ao poder nuclear da NATO. Assim, a decisão dos países que constituem a NATO mantém-se, apesar da retirada das forças convencionais acima mencionada.

Verifica-se, no entanto, que nem todos os países que constituem a NATO aceitam a instalação dos mísseis no seu território. A Holanda declarou já, pelo seu Parlamento, não querer receber os mísseis. É provável que a Dinamarca lhe siga o exemplo. Que motivos ditam esta atitude? Pelo contrário, a Inglaterra, a Itália e a Alemanha Federal, vão certamente instalar os mísseis nos seus territórios, restabelecendo-se, assim, o equilíbrio de forças, a um nível de destruição mais alto.

É admissível que, daqui a alguns anos — não serão muitos, certamente — se quebre de novo este equilíbrio de forças que, sem dúvida, só se restabelecerá num nível de destruição mais alto ainda.

Até quando durará esta corrida aos armamentos de destruição em massa? Quando será que os responsáveis pela governação dos povos se darão conta do perigoso caminho que se trilha, quer pelos meios de destruição maciça que se acumulam, quer por aquilo que de necessário aos povos se deixa de fazer, devido aos gastos em armamentos?

Se, em vez de se instalarem novos e modernos mísseis na Europa Ocidental, e se a União Soviética não tivesse aumentado o seu arsenal nuclear apontado para a Europa, ou, uma vez este instalado, o tivesse retirado, diminuindo assim a sua capacidade de destruição nuclear, isto é, se o equilíbrio se restabelecesse a um nível mais baixo, certamente que as possibilidades de entendimento aumentariam, esfriando-se a chamada guerra fria. É claro que, neste aumento ou diminuição dos mísseis soviéticos apontados para Ocidente, interveio outro interessado: os E.U.A. Com efeito, os mísseis soviéticos de grande alcance — intercontinentais — ameaçam os E.U.A. que, por sua vez, também ameaçam o território soviético. Estamos perante um outro equilíbrio de forças, instável, e de que não vislumbramos qualquer modificação, que não seja, apesar de todos os SALT, a modiifcação que resulta duma corrida a novos armamentos, com um equilíbrio restabelecido sempre a um nível de destruição mais elevado.

O clube atómico — ou seja o conjunto de países possuidores, ou capazes de fabricarem bombas nucleares —, tem aumentado constantemente. Não basta, porém, possuirem bombas nucleares, para serem verdadeiramente perigosos; é necessário serem capazes de fabricar também os vectores destas bombas. Segundo uma notícia recente, a China já fabricou os primeiros mísseis intercontinentais, que, naturalmente, vai apontar para Ocidente, podendo assim atingir o território da U.R.S.S. Nada a impedirá de, futuramente, apontar esses mísseis para Oriente, se a evolução política mundial conduzir a esse estado de coisas.

A superfície do globo terrestre coberta de poder de destruição destes mísseis aumenta, assim, constantemente. Para se não deixarem surpreender, os adversários em potência vigiam-se mutuamente com sofisticada aparelhagem, radares, computadores e o mais que se imagine. E se, um dia, por possível avaria desta aparelhagem, um falso alarme soa num dos lados? Naturalmente que o outro seria levado a responder de imediato, desencadeando um contra-ataque nuclear. Ora, uma eventualidade destas — um falso alarme — ocorreu há pouco nos E.U.A. Os jornais diários informavam que o Pentágono anunciara que um falso alarme tivera lugar durante um curto lapso de tempo; parece, até, não ter sido este o primeiro falso alarme. Segundo a notícia, este falso alerta deveu-se a uma deficiência dum computador. Várias bases militares foram alertadas, chegando a descolar caças bombardeiros. Esta a notícia que se pôde ler em jornais de 11 de Novembro passado.

Se, em casos como este, foi possível dominar-se a situação sem recurso a medidas irreversíveis, afigura-se-nos possível a ocorrência de casos mais graves e em relação aos quais do comportamento humano possam resultar erros, como sucedeu com o caso da central nuclear de «Three Mile Island».

Quer dizer: parece não ser exagero admitir que os erros da aparelhagem, convergentes com erros humanos, conduzam ao desencadear dum contra-ataque nuclear em face dum suposto ataque, o que, por sua vez, vai desencadear, do suposto atacante, um verdadeiro contra-ataque. Assim, por erros de comportamento, quer humanos, quer da aparelhagem, poderá eclodir um conflito nuclear. Quem poderá afirmar a impossibilidade desta hipótese?

Não será possível que os países possuidores de capacidade de destruição nuclear, mormente as duas super-potências, se encaminhem para um equilíbrio de poder a nível cada vez mais baixo e que conduza, finalmente, ao desarmamento em armas nucleares?

Quem tiver tido paciência de ler estas linhas até final encontrará a justificação do título que as encabeça.

CUNHA AMARAL

O LIVRO DE SAN MICHELE

Continuação da 1.ª página

ao esquadrinhar as Edições «Livros do Brasil», achei na «colecção Dois Mundos» a versão portuguesa — traduzida por Jaime Cortezão e cheia de gralhas e, o que é mais grave, de erros de construção, que não imputo ao nosso grande Escritor, evidentemente, mas à Editora, que não terá tido pessoal à altura! —, e fico espantado ao ver que o livro já ia na XII Edição. Comprei logo o livro, que reli agora (fins de Outubro de 1979) e ainda reconheci muita coisa, embora tenha esquecido a maioria!

Esta edição portuguesa tem nada menos de 3 prefácios do Autor. Falta-lhe, porém, uma jóia literária que vinha na primeira edição francesa e, certamente, nas outras, e de que valia a pena ter pagado os direitos e inserido aqui, até sem traduzir, porque quem lê O Livro de San Michele sabe, com certeza, francês: é o primoroso prefácio do Grande Escritor da Academia Francesa PIERRE BENOIT (1886-1962), o célebre autor do romance «A Atlântida», de que o Cinema francês fez um filme que, ainda hoje, é notabilíssimo.

Este primoroso prefácio de Pierre BENOIT fica para o próximo número.

VASCO DE LEMOS MOURISCA

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	MODERNA
Sábado	ALA
Domingo	AVEIRENSE
Segunda	AVENIDA
Terça	SAÚDE
Quarta	OUDINOT
Quinta	NETO

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

GENEROSIDADE ROTÁRIA

Foi festiva a reunião do Rotary Clube de Aveiro, no dia 17 de Dezembro de 1979, com a presença de 83 pessoas, incluindo rotários, seus filhos e netos, convidados e senhoras, todos comungando os mesmos altos ideais de Rotary, desta vez enquadrados em época de Natal. Presidiu Abel Santiago e secretariou Francisco E. Dias.

No decurso da reunião, o Presidente rotário comunicou que a respectiva Direcção deliberara oferecer: à CERCIAV — parte de um equipamento para um novo ginásio a construir por esta tão prestimosa instituição; às «Florinhas do Vouga» — diversificado material didáctico para as crianças ao cuidado desta meritória obra de apoio social; ao «Lar Metodista da 3.ª Idade» — 20 cobertores e uma peça para outros tantos lençóis; às «Obras de S. Vicente de Paulo» — auxílio pecuniário a uma família que luta com sérias dificuldades. É superior a 40 000$00 o valor destas ofertas.

Na mesma reunião, três novos rotários receberam o seu emblema: António Nascimento, Silvério Rangel e Manuel Paula Dias. Este último projectou dois pequenos mas artísticos filmes seus, intitulados «Tão vagaroso mas tão saboroso», relacionado com o fabrico do azeite, e «Sal duro Sal», acerca do salgado aveirense. Ambos os filmes foram muito apreciados e aplaudidos.

ONDE (E O QUÊ) CAÇAR NO DISTRITO DE AVEIRO

Foi recentemente tornado público um edital, emanado da Direcção-Geral de Ordenamento e Gestão Florestal, explicando onde é permitido caçar determinadas espécies cinegéticas (pombos bravos, galinholas, narcejas, abibes e carambolas, tordos e estorninhos, desde 1 de Janeiro até ao último domingo de Fevereiro, dia 24; e patos, até ao último domingo de Janeiro, dia 27).

No que respeita ao Distrito de Aveiro, as disposições são as seguintes:

CAÇAR TORDOS, ESTORNINHOS E POMBOS BRAVOS — ÁGUEDA, ANADIA, AVEIRO, ÍLHAVO, MEALHADA e VAGOS: — Nos olivais.

ALBERGARIA-A-VELHA: — Na Pateira de Frossos, freguesia de Frossos, deste concelho e em todas as valas à mesma adjacentes, bem como em todos os terrenos alagadiços e nos habitualmente inundáveis pelas águas do Vouga.

AROUCA: — No Vale de Arouca, nos terrenos compreendidos entre a Pedra Má e a Vila de Arouca.

ESPINHO: — **Na freguesia de Anta:** lugares da Idanha, Carvalhal, Cassufas, Ponte d'Anta e Guimbra; **Na freguesia de Guetim:** nos pinhais e arvoredos; **Na freguesia de Paramos:** nos pinhais e arvoredos; **Na freguesia de Silvaldes:** nos pinhais e arvoredos do lugar do Vouga.

ESTARREJA: — Nas marachas, montados, pinhais e outras matas situadas a poente da E. N. N.º 109 — Porto-Aveiro.

MURTOSA: — Na Leirosa (Varela), Quintas do Norte, Marinha do Bico e Chegado.

OVAR: — Nos pinhais e arvoredos das freguesias de Cortegaça e Esmoriz. Nos pinhais e arvoredos delimitados: a nascente pelo limite do concelho de Ovar ou por delimitações da reserva de protecção e repovoamento, a poente pela Ria, a norte pela estrada Ovar-S. João da Madeira (E. N. 327), estrada de S. João, Rua Gomes Freire, Rua Elias Garcia, Rua Dr. Manuel Arala e estrada do Furadouro até ao cruzamento do Carregal, a sul pelo limite do concelho de Ovar e ainda em todos os terrenos de cultivo, baldios, pantanosos e juncais do concelho.

CAÇAR NARCEJAS, ABIBES E TARAMBOLAS — ÁGUEDA, AVEIRO e VAGOS: — Nos restolhos, arrozais, terrenos pantanosos e de lezíria.

ALBERGARIA-A-VELHA: — Na Pateira de Frossos, freguesia de Frossos, deste concelho e em todas as valas à mesma adjacentes, bem como em todos os terrenos alagadiços e nos habitualmente inundáveis pelas águas do Vouga.

AROUCA: — No Vale de Arouca, nos terrenos compreendidos entre a Pedra Má e a Vila de Arouca.

ESPINHO: — Nos terrenos de cultivo, baldios, pantanosos e juncais dos lugares da Idanha, Carvalhal, Cassufas, Ponte d'Anta e Guimbra, na freguesia de Anta; nos terrenos de cultivo, baldios, pantanosos e juncais das freguesias de Guetim e Paramos e ainda nos terrenos de cultivo, baldios, pantanosos e juncais do lugar do Vouga na freguesia de Silvalde.

ESTARREJA: — Nas marachas, montados, pinhais e outras matas situadas a poente da E. N. N.º 109 — Porto-Aveiro.

ÍLHAVO: — Nas marachas e terrenos pantanosos.

MURTOSA: — Na Leirosa (Varela), Quintas do Norte, Marinha do Bico e Chegado.

OVAR: — Nos terrenos de cultivo, baldios, pantanosos e juncais.

VILA DA FEIRA: — Nas ribeiras que marginam o rio Uima, nas freguesias do Lobão e Fiães; nas ribeiras que marginam o rio Cáster — Vila da Feira, para jusante da ponte da estrada do Montinho ao Troncal — Travanca e nas ribeiras que marginam o mesmo rio na freguesia de Travanca.

•

Saliente-se que, a partir do dia 1 de Janeiro inclusive, além das espécies mencionadas no presente edital pode-se ainda caçar:

1 — Patos, Galeirões e Galinhas de Água, até 27 de Janeiro e até ao limite de 10 por dia e por caçador, de barco ou «à espera», com ou sem cães e negaças, nos locais designados em edital da Direcção-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal e ainda nos terrenos e com os condicionamentos definidos para a caça das narcejas; Corvos, Gralhas, Pegas e Gaios, sem limite de peças por dia e por caçador, nos terrenos e com os condicionamentos definidos para a caça dos Pombos Bravos, Galinholas, Narcejas e Tordos.

2 — A caça, como já é do conhecimento dos caçadores, só pode ser exercida aos domingos, quintas-feiras e dias de feriados nacionais.

Utilização dos Centros de Férias do INATEL

Da Delegação em Aveiro do INATEL, recebemos, com pedido de publicação, o seguinte comunicado, relacionado com a utilização dos Centros de Férias daquele organismo, em 1980:

«Comunica-se aos senhores associados do INATEL que estão abertas as inscrições para as diversas utilizações dos Centros de Férias, programadas para 1980:

FÉRIAS DO CARNAVAL — de 2 a 8 de Janeiro; FÉRIAS DA PÁSCOA — de 3 a 10 de Março; TURNOS ESPECIAIS DE 15 DIAS (TERCEIRA IDADE) — de 14 a 21 de Janeiro; TURNOS NORMAIS — de 1 a 29 de Fevereiro.

Para mais informações, deverão os interessados dirigir-se à Delegação deste Instituto — Rua do Mercado, n.º 91, nesta cidade — Telefone n.º 24968».

MAIS NÚCLEOS DA CRUZ VERMELHA

Em meados do pretérito mês de Dezembro, foram empossados, em cerimónia oficial, os Núcleos da Cruz Vermelha Portuguesa dos Concelhos de Sever do Vouga e Oliveira do Bairro.

Após as cerimónias, realizadas no Salão Nobre dos Paços do Concelho, com a presença dos Presidentes das Câmaras e do Presidente da Delegação da CVP de Aveiro, Coronel Cândido Patoilo Teles, que se fazia acompanhar dos Vice-Presidentes Gonçalves Bilelo e D. Maria Helena Leite da Silva e dos Vogais Capitão Cruz Mendes e D. Auta Martins, foram discutidos e analisados diversos problemas relacionados com a actuação regional dos Núcleos, que tem vindo a desenvolver acção meritória e digna de registo, sendo justo realçar o espírito altruísta dos seus membros que tudo têm feito para diminuir o sofrimento dos homens.

FESTAS DO NATAL DA PSP

No dia 20 de Dezembro último, o Comando Distrital da PSP promoveu a tradicional festa de Natal, dedicada aos filhos dos agentes da Corporação, com um aliciante programa, que incluiu exibição de filmes infantis, distribuição de brinquedos e merenda.

Também nas várias subunidades da PSP se realizaram idênticas festas, com a mesma intenção.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 4 — às 21.30 horas — VOLUNTÁRIOS À FORÇA — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Sábado, 5, e Domingo, 6 — às 15.30 e 21.30 horas — JESUS DE NAZARÉ (1.ª parte) — Para todos.

Terça-feira, 8 — às 21.30 horas — AS SERPENTES DO MAL — Interdito a menores de 18 anos.

Quarta-feira, 9, e Quinta-feira, 10 — às 21.30 horas — MENINA BONITA — Interdito a menores de 18 anos.

Sexta-feira, 11 — às 21.30 horas — O QUEBRA-OSSOS (com Bud Spencer) — Não aconselhável a menores de 18 anos.

— Cine-Avenida

Sexta-feira, 4 — às 21.30 horas — S. FRANCISCO CIDADE NUA — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Sábado, 5 — às 15.30 e 21.30 horas — NÃO ME CHAMES MIÚDA — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Domingo, 6 — às 11 horas — OS 12 TRABALHOS DE ASTERIX — Para todos; **às 15.30 e 21.30 horas** — A MESTRA — Interdito a menores de 13 anos.

Segunda-feira, 7 — às 21.30 horas — A MESTRA — Interdito a menores de 13 anos.

Terça-feira, 8 — às 21.30 horas — RIO SEM REGRESSO — Não aconselhável a menores de 13 anos.

FESTA DE NATAL NO CENTRO DE SAÚDE MENTAL (S. Bernardo)

No dia 22 do mês transacto, o Centro de Saúde Mental, de São Bernardo, promoveu, naquela localidade, uma festa de Natal dedicada aos 54 doentes internados naquela instituição. O Grupo Cultural e Recreativo de Santa Joana Princesa e o Rancho Folclórico «Malmequeres», de Aradas, animaram o convívio, no decurso do qual foram distribuidas lembranças aos doentes.

Ministério da Indústria e Tecnologia

Direcção-Geral dos Combustíveis

EDITAL

Eu, ARTUR MESQUITA, engenheiro-chefe da Delegação da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faço saber que CERÂMICA BEIRA RIA, LDA., pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de fuel oil, com a capacidade aproximada de 15 000 litros, sita em Teixugueira, freguesia de Beduído, concelho de Estarreja, distrito de Aveiro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e a examinar o respectivo processo nesta Delegação, situada na Rua do Dr. Alfredo de Magalhães, n.º 68-3.º Dto., no Porto.

Porto, 1 de Outubro de 1979

O engenheiro-chefe da Delegação,

a) — Artur Mesquita

LITORAL - Aveiro, 4/1/80 — N.º 1278

Ministério da Indústria e Tecnologia

Direcção-Geral dos Combustíveis

EDITAL

Eu, ARTUR MESQUITA, engenheiro-chefe da Delegação da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faço saber que INSTITUTO DE OBRAS SOCIAIS, pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gases do petróleo liquefeitos, com a capacidade aproximada de 672 litros, sita no Lugar de Chousa de Cima (Infantário de Fiães), freguesia de Fiães, concelho da Feira, distrito de Aveiro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e a examinar o respectivo processo nesta Delegação, situada na Rua do Dr. Alfredo de Magalhães, n.º 68-3.º Dto., no Porto.

Porto, 21 de Novembro de 1979

Pelo engenheiro-chefe da Delegação,

(assinatura ilegível)

LITORAL - Aveiro, 4/1/80 — N.º 1278

DAR SANGUE É UM DEVER

ADERAV connosco:

«POLÍCIA JUDICIÁRIA NO CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO!»

Com o merecido destaque, e com o título acima, inserimos na nossa edição de 9 de Novembro de 1979, notícia da instalação de uma Inspecção da Polícia Judiciária no Convento de Santo António, salientando, em seguida, o nosso frontal desacordo quanto ao local escolhido para tal fim, por se tratar de um monumento com características a preservar no âmbito dos valores arquitectónicos e até históricos — lembrando o «Litoral», inclusivamente, o respectivo aproveitamento para a implantação de um repositório de Arte Sacra, «de que a região necessita com urgência, para salvaguarda de preciosidades que se deterioram ou, pior ainda, seguem outros rumos — nacionais ou estrangeiros», como expressamente então salientámos.

A propósito do mesmo assunto — e não podemos deixar de nos congratular com esta coincidência de ideias —, recebemos, da ADERAV (Associação de Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro), e com pedido de publicação, o seguinte texto, em que também se focam outros importantes assuntos:

«A Direcção da Associação para a Defesa e Valorização do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro — ADERAV —, tendo tomado conhecimento de que o antigo Convento de Santo António, preciosa relíquia do espólio artístico de Aveiro, foi, agora, cedido por escritura, à Polícia Judiciária, manifesta publicamente a sua profunda mágoa pelo destino dado àquelas veneradas instalações, certa de que, num país culturalmente evoluído, elas seriam, com certeza, reservadas, pelos seus responsáveis, para fins culturais;

ADERAV apela, mais uma vez, a quem tem o dever de zelar pelos interesses das comunidades locais, para os atentados que se têm verificado, ultimamente, na Gafanha do Areão, Vagos, em destruição das dunas daquela região, o que provocará consequências futuras, tratando-se, como se trata, de zonas de alta sensibilidade no equilíbrio ecológico da Ria de Aveiro;

ADERAV convida os seus associados para o primeiro «itinerário urbano» de Aveiro, que começará no próximo dia 6, pelas 10 horas, com partida do «Largo das 5 Bicas» e lembra que a publicação do Boletim n.º 1 está prevista para a 2.ª semana de Janeiro.

Aveiro, 27 de Dezembro de 1979

O PRESIDENTE DE ADERAV

a) **Amaro Neves»**

CENTRO SOCIAL DE ESGUEIRA

Com o pedido de publicação, recebemos o seguinte

COMUNICADO

«Dentro das conhecidas normas de receptividade do «LITORAL», foi publicado, no seu número 1277, de 21/12/79, um comunicado, a pedido do Centro Social de Esgueira. Isto, como notícia. E, como publicidade, uma convocatória para uma Assembleia Geral, a realizar em 30 do corrente mês de Janeiro, assinada pelo respectivo Presidente.

Certamente, na aludida Assembleia Geral, integrada no número 2 da respectiva convocatória, irão ser postos problemas que respeitam à não apresentação de contas referentes aos anos de 1976 (incl.) a 1979 (incl.), à ineficiência dos dirigentes da Instituição, à negligência dos seus principais responsáveis, à desistência de grande número de associados, à falta de divulgação dos Estatutos e da não participação dos associados na vida do Centro, o que tem levado a um clima de tensão e mal-estar, com reflexo negativo para os interesses das crianças, o que até deu origem à constituição de um grupo de pais para a resolução dos problemas destas.

Os signatários, sócios do Centro Social de Esgueira, apelam para a presença de todos os associados na dita Assembleia Geral, dada a sua específica importância, lembrando-lhes que devem actualizar as suas quotizações, sem o que não poderão intervir na discussão dos problemas nem sobre eles votar.

Aveiro, 27 de Dezembro de 1979.

aa) **José Carlos Martins de Sá (Seguem-se mais assinaturas)**

Grandes Festejos em honra de S. GONÇALINHO

Com um aliciante programa, as Festas em honra de S. Gonçalinho decorrem, este ano, de 10 a 14 do corrente mês. Sociedade Imparcial 15 de Janeiro de 1898, de Alcochete, e Bingre Canelense, de Canelas, são as duas bandas que abrilhantarão os festejos; por sua vez, nada menos do que oito conjuntos musicais evidenciarão também a sua presença: Improviso 5, Esquema 5, Imperial de Vagos, Central Orquestra, Marinheiros de Ovar, Monte Carlo Show, Pavões e Splash. A ornamentação e iluminação ficam a cargo de Maria Aurora Castro, de Espinho; o fogo preso, aquático e de artifício são da responsabilidade de Manuel Correia da Silva, da Vila da Feira; e a instalação sonora é feita por Manuel Duarte Piloto, de Aveiro. Em todos os dias de festa haverá os tradicionais lançamentos de cavacas. Arraiais e alvoradas, cavalhadas e arruadas, completarão o programa, a que temos de acrescentar a Dança dos Mancos, ainda sem data marcada. As decorações irão, desta vez, até aos Arcos. Vem a propósito salientar que muito do brilhantismo que, sem dúvida, terão estes festejos tão da devoção das gentes da Beira-Mar, ficará a dever-se ao facto do interesse demonstrado pelo Juiz da Festa deste ano, o sr. Manuel Marques Pedrosa.

EXPOSIÇÃO NA ESCOLA SECUNDÁRIA DE HOMEM CHRISTO

Desde o dia 3 até ao dia 10 do corrente mês, está patente, na Escola Secundária de Homem Christo, nesta cidade, a exposição itinerante «Gaibeús e o seu Tempo.

Inauguração do CENTRO PAROQUIAL DE ARADAS

No dia 6 do corrente, terá início o bem elaborado programa da inauguração do Centro Paroquial de Aradas, com um almoço de confraternização, às 13 horas, com a presença de diversas entidades, entre as quais o venerando Bispo de Aveiro, Governador Civil, Presidentes da Câmara e da Junta de Freguesia, além de cerca de 350 paroquianos. O programa prossegue no dia 11, às 21.45 horas, com a representação de uma peça de teatro pelo Grupo Cénico de Aradas; no dia 12, às 15 horas, fantoches e filmes para crianças e adultos e, às 21.45 horas, variedades, com música diversa, fados e canções; dia 13, às 15.30 horas, Missa e Bênção do Centro, por D. Manuel de Almeida Trindade; às 17 horas, actuação do Grupo Coral da Caixa de Previdência de Aveiro, seguindo-se uma sessão de hipnotismo, pelo professor Marques do Vale.

No referido dia 6, após o almoço, proceder-se-á ao sorteio de 100 títulos de empréstimo, equivalentes a 100 mil escudos, para pagamento de importante parte da dívida contraída com os mesmos.

As actuações salientadas no programa aqui apresentado terão lugar nas instalações do Centro, em Aradas, e as entradas serão gratuitas.

Para mais esclarecimentos, contactar Fernando Tavares Marques (Casa Fernando) — Telef. 24675 — Aveiro.

MANIFESTAÇÃO DE DESPEDIDA A D. ANTÓNIO DOS SANTOS

Por motivo da nomeação de D. António dos Santos, até agora Bispo Auxiliar de Aveiro, para Bispo residencial da Diocese da Guarda, os cristãos da Diocese de Aveiro estão a projectar uma manifestação de apreço e despedida, a efectuar nesta cidade, no pavilhão e recinto que tem servido ultimamente para a realização da Feira de Março, o que será no dia 20 do corrente mês de Janeiro, às 15 horas.

Esta manifestação consistirá, fundamentalmente, numa Concelebração Eucarística, em que participará também o Sr. D. Manuel de Almeida Trindade.

A seu tempo serão dadas mais informações.

DAR SANGUE É UM DEVER

SOFAL

TECIDOS E CONFECÇÕES

Deseja a todos os seus estimados clientes

um **ANO NOVO** *confortável e agasalhado*

com os seus insuperáveis produtos

Filiais em Aveiro:

aos ARCOS e AV. DR. LOURENÇO PEIXINHO

Continuações da última página

BASQUETEBOL

lesões de alguns dos seus elementos), como por real mérito do seu antagonista (os lisboetas possuem um bom team — com magníficos valores), os bairradinos sentiram imensas e inesperadas dificuldades para vencerem os alcantarenses.

A partida foi agradável de seguir. De entrada, os sangalhenses adiantaram-se, tendo chegado à vantagem de 22-10; de seguida, os visitantes recuperaram, igualando a 31 pontos e comandando até ao intervalo.

Na segunda parte, os bairradinos voltaram, inicialmente, para a dianteira, mas o score nunca se desnivelou. Perto do final, o Atlético comandou (77-80, com três minutos para jogar), mas, em forcing, o Sangalhos fugiu, para 87-80. O prélio parecia decidido, até porque havia só 57 segundos para cumprir — mas, nesse lapso de tempo, enorme suspense voltou ao pavilhão, pois os alcantarenses, com forte reacção, quase viraram o resultado, vindo a perder à tangente...

Num prélio de muita emoção, com boa luta, a arbitragem da dupla portuense, com deficiências várias, situou-se em plano apenas sofrível.

II DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 18.ª jornada

Cdup — Guifões	75-65
Leça — Académica	89-82
Ac.º Coimbra — ILLIABUM	116-57
Salesianos — GALITOS	67-55
OVARENSE — Naval	78-63
Vasco da Gama — Ac.º Porto	66-58

Resultados da 19.ª jornada

Naval — Salesianos	112-89
Ac.º Porto — Leça	150-55
Guifões — Vasco da Gama	52-67
ILLIABUM — Cdup	62-55
GALITOS — Ac.º Coimbra	69-84
Vilanovense — OVARENSE	60-85

Em prosseguimento, o calendário marca para o próximo fim-de-semana os seguintes encontros:

Sábado — Académica — Académico do Porto, Cdup — GALITOS, Leça — Guifões, Salesianos — Vilanovense, Académico de Coimbra — Naval e Vasco da Gama — ILLIABUM.

Domingo — Vilanovense — Académico de Coimbra, Guifões — Académica, ILLIABUM — Leça, GALITOS — Vasco da Gama, OVARENSE — Salesianos e Naval — Cdup.

III DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 7.ª jornada

SÉRIE A

F.º d'Holanda — Educ. Física	57-50
Oliv. Douro — Sp. Covilhã	70-58
SANJOANENSE — Beirões	84-17
Joarsan — Leixões	adiado

SÉRIE B-1

ESGUEIRA — Gaia	56-57
Taurino — Fluvial	86-84

SÉRIE B-2

BEIRA-MAR — Desp. Leça	70-68
Bairro Latino — Visar	67-77

A segunda volta tem início amanhã, sábado, com os seguintes desafios:

Série A — Leixões — Educação Física, Francisco d'Holanda — Sporting da Covilhã, Oliveira do Douro — Beirões e Joarsan — SANJOANENSE. **Série B-1** — ESGUEIRA — Fluvial e Sporting Figueirense — Gaia. **Série B-2** — Coimbrões — Desportivo de Leça, BEIRA-MAR — Visar e Bairro Latino — Desportivo da Covilhã.

FUTEBOL

VARZIM, 1
BEIRA-MAR, 0

mildo, e, aos 83 m., Lechaba ocupou o posto de Germano.

Suplentes não utilizados — Reis, Montóia, Horácio e Óscar, no Varzim; e Freitas, Lima e Leonel, no Beira-Mar.

Acção disciplinar — Cartões «amarelos» para os beiramarenses Jairo (28 m.), por jogo perigoso, e Germano (59 m.), por discutir uma decisão do árbitro; e para o poveiro João (79m.), por intencional perda de tempo.

Logo de entrada, aos 2 m., na sequência de um livre, PINTO fez o único golo do desafio, garantindo o êxito dos varzinistas, que, a sete minutos do final, poderiam elevar a contagem, quando beneficiaram de um «penalty» (falta de Teixeirinha sobre André), que Cacheira não converteu, rematando ao lado da baliza de Zé Beto.

Antes, porém, ainda na primeira parte (31 m.) ficara por assinalar grande penalidade, por derrube de Torres a Jairo...

O desfecho mais correcto, se no futebol existisse lógica, seria um empate, até porque o Beira-Mar sempre se bateu com empenho e teve ensejos para golo. No entanto, como não concretizou nenhum, despediu-se de 1979 com novo desaire, com más saídas...

Oxalá 1980 seja um ano diferente!

Arbitragem algo confusa, de nítida tendência para o «caseirismo» — como se depreende do castigo máximo perdoado ao Varzim...

TAÇA de PORTUGAL

por 3-2, com 1-1 ao cabo do tempo normal de jogo.

Sob arbitragem do sr. Azevedo Duarte, auxiliado pelos fiscais de linha srs. Pinheiro Gonçalves (bancada) e Fortunato Azevedo (superior) — equipa da Comissão Distrital de Braga —, os grupos alinharam deste modo:

BEIRA-MAR — Peres; Manecas, Cansado (Cremildo, no prolongamento), Sabú e Teixeirinha; Veloso, Camegim e Germano; Jairo, Serginho (Cambraia, aos 46 m.) e Nelson Moutinho.

U. LEIRIA — Padrão; Dinis, Figueiredo, Quaresma e Cícero; Tomé, Jesus e Edson; Delfim (Clésio, aos 70 m.), Nascimento (Jorge Bonga, aos 70 m.) e Garcês.

Suplentes não utilizados — Freitas, Lima e Lechaba, no Beira-Mar; e Vitor Amaral, Espírito Santo e Paixão, no União de Leiria.

Acção disciplinar — Cartão «amarelo» para Jesus (4 m.), por palavras que dirigiu ao árbitro.

Embora muito prejudicado pelo tempo que se fez sentir, o jogo atingiu boa craveira e proporcionou espectáculo de agrado, concluindo com êxito justo dos beiramarenses.

Ao intervalo, as equipas estavam em branco, quanto a golos. Na segunda parte, aos 47 m., GERMANO marcou para os locais e, aos 78 m., GARCÊS repôs a igualdade, que forçou ao prolongamento.

No período suplementar, os auri-negros surgiram com maior força física e adiantaram-se, para 3-1, com tentos de GERMANO, aos 95 m., e NELSON MOUTINHO, aos 107 m. A noite, em fim de tarde plumbeo, aproximava-se, tornando a visibilidade difícil, quando, aos 115 m., CÍCERO reduziu para 2-3, o desfecho final do prélio.

Arbitragem imparcial, mas com deficiências.

Aveiro nos Nacionais

II DIVISÃO

Classificações actuais

Zona Norte — Fafe, Penafiel e Riopele, 16 pontos. Leixões, 15. Amarante e UNIÃO DE LAMAS, 14. Gil Vicente, 13. Chaves e Paços de Ferreira, 12. Famalicão, 11. LUSITÂNIA DE LOUROSA, FEIRENSE e Bragança, 10. Prado, 9. Salgueiros, 8. Paredes, 6.

Zona Centro — Académico de Coimbra (menos um jogo), 18 pontos. Académico de Viseu, 17. OLIVEIRA DO BAIRRO (menos um jogo), 16. Nazarenos, 16. OLIVEIRENSE e Covilhã, 13. Estrela de Portalegre e Caldas, 12. União de Coimbra, Portalegrense, Torriense e Ginásio de Alcobaça, 10. Mangualde e União de Tomar, 9. União de Santarém, 8. Naval 1.º de Maio, 5.

ANDEBOL de SETE

O Campeonato prossegue amanhã (sábado), com os desafios que adiante indicamos: Desportivo de Portugal — BEIRA-MAR, S. BERNARDO — Académica de S. Mamede, Académico — Desportivo da Póvoa, Espinho — Padroense, Porto — Académico e Maia — Vilanovense.

BEIRA-MAR, 17
ACADÉMICO, 24

Jogo no Pavilhão do Beira-Mar, sob arbitragem dos srs. José Ribeiro e Jerónimo Silva, do Porto.

Alinharam e marcaram:

Beira-Mar — Januário, Zé Carlos, Fernando Rocha (6), Marinho (1), Nuno (2), Gamelas, Chico Costa (4), Leite (2), José Silvares (2), Duarte, Candeias e Lemos.

Académico — Bourbon, Zé Manel (4), Tó (5), Pereira (6), Irineu (1), Armindo (4), Rui (4), Lobo, Fernando, Dantas e Carlos Barros.

1.ª parte: 9-10. 2.ª parte: 8-14.

Actuação esforçada, mas algo inconsequente, dos beiramarenses — que não conseguiram libertar-se da psicose da derrota, nem mesmo na única ocasião em que comandaram o marcador, pouco depois do intervalo (12-11). Com outra força física e anímica, os academistas na fase final, fizeram jus ao triunfo — sendo de relevar o magnífico contributo que o guarda-redes Bourbon deu à equipa portuense, ao longo de todo o jogo.

Arbitragem segura, mas não isenta de falhas, designadamente no capítulo das exclusões temporárias, onde houve exageros.

II DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 10.ª jornada

F.º d'Holanda — V. Guimarães	16-13
Bairro Latino — Fermentões	25-20
OLEIROS — Braga	24-17
Ac.º Braga — Cdup	18-20
Vila Real — Gaia	21-19

Classificação actual

Cdup e Francisco d'Holanda, 27 pontos. OLEIROS e Fermentões, 22. Académico de Braga, 20. Sporting de Braga, 18. Bairro Latino, 17. Vitória de Guimarães, 15. Vila Real, 14. Gaia, 13.

As turmas do Bairro Latino e do Gaia têm menos um jogo que as restantes.

TAÇA DE PORTUGAL

resa Pires (5), Amélia (8), Isabel Pires (15) e Ana Durão (4).

ESTRELA DE PORTALEGRE — Maria José, Conceição Torres, Graça Barrosa, Cecília Costa (1), Edite Barradas, Margarida Morais (3), Lina Velez (1), Teresa Reso, Conceição Basso e Teresa Muñoz.

Xadrez de Notícias

No passado domingo, dia 30 de Dezembro, o Sport Clube Beira-Mar assinalou a passagem do seu 58.º aniversário (que rigorosamente se cumpriu em 1 de Janeiro). Pelas 9.15 horas, na Sede, foi hasteada a Bandeira do Clube, e, às 9.30 horas, na Capela de S. Gonçalinho, foi celebrada missa de sufrágio pelos fundadores, sócios, dirigentes e atletas falecidos — seguindo-se-lhe uma romagem de saudade aos cemitérios da cidade.

DESPORTOS

Secção dirigida por ANTÓNIO LEOPOLDO

Registo dos CAMPEONATOS NACIONAIS

As provas federativas em curso continuaram a disputar-se nos dois passados fins-de-semana, pois os dias 29 e 30 de Dezembro foram aproveitados para se proceder a alguns acertos na I Divisão.

Hoje — e já de imediato, sem quaisquer outros comentários de análise ao comportamento dos clubes do Distrito (aos quais, entretanto, auguramos um Novo Ano repleto de êxitos) — apenas o registo dos resultados, sem as habituais tabelas classificativas, que não nos foi possível actualizar.

I DIVISÃO

Resultados da 7.ª jornada

SLO/Grundig — SANGALHOS	70-88
Sport — Benfica	47-89
Olivais — Ginásio	103-102
Algés — Porto	64-85
Barreirense — Cdul	93-65
Sporting — Atlético	109-72

Resultados da 8.ª jornada

Sport — Ginásio	59-86
Olivais — Benfica	91-89
SLO/Grundig — Porto	71-73
Algés — SANGALHOS	64-94
Barreirense — Atlético	98-79
Sporting — Cdul	149-46

Resultados da 2.ª jornada (em atraso)

SLO/Grundig — Olivais	101-98
Algés — Sport	80-75
Barreirense — Ginásio	105-94
Sporting — Benfica	120-88
SANGALHOS — Atlético	87-86
Porto — Cdul	106-49

Resultados da 11.ª jornada (antecipada)

SLO/Grundig — Algés	100-70
Sport — Olivais	61-70
Barreirense — Sporting	77-78
SANGALHOS — Porto	(a)
Cdul — Atlético	60-92
Benfica — Ginásio	90-91

(a) — marcado para o dia 10 de Janeiro (quinta-feira), às 21.30 horas.

A primeira volta terminará no próximo fim-de-semana, com a realização dos seguintes desafios:

Sábado — Ginásio — Algés, Cdul — Sport, Atlético — Olivais, Benfica — SLO/Grundig, SANGALHOS — Barreirense e Porto — Sporting.

Domingo — Ginásio — SLO/Grundig, Cdul — Olivais, Atlético — Sport, Benfica — Algés, SANGALHOS — Sporting e Porto — Barreirense.

SANGALHOS, 87
ATLÉTICO, 86

Jogo ao fim da tarde de sábado, no Pavilhão do Sangalhos, com arbitragem ds srs. Pedro Jorge e Ribeiro da Silva, da Comissão Distrital do Porto.

Alinharam e marcaram:

Sangalhos — Nelson (10-4), Zé Gomes (7-2), Santiago (6-6), Bill (15-16), Robalo (2-4), Lobo (5-10), Rui Abrantes, Zé Manel, Jeremim e Vitor Ribeiro.

Atlético — Rui Miranda (6-6), Carvalho, Henrique Vieira (9-10), Leiria (4-4), Mac Elroy (22-12), Paulo (0-3), Nelson Barata, Guia Costa e António Barata.

Marcha do resultado — 16-8 (5m.), 26-20 (10m.), 31-31 (15m.), 45-47 (20m. — intervalo), 55-49 (25m.), 66-63 (30m.), 75-72 (35m.) e 87-86 (40m. — final).

Tanto por culpa própria, dado que actuaram abaixo das suas possibilidades (em consequência, cremos, das

Continua na penúltima página

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO — ZONA NORTE

Resultados da 13.ª jornada

Ac.ª S. Mamede — D. Portugal	24-24
BEIRA-MAR — Académico	17-24
Padroense — S. BERNARDO	20-18
Desp. Póvoa — Porto	19-28
Vilanovense — Espinho	(a)
Académica — Maia	adiado

(a) — não se realizou, devendo ser averbada falta de comparência aos gaienses.

Classificação actual

	J	V	E	D	Bolas	P
Porto	13	13	0	0	454-228	39
Ac.ª S. Mamede	13	10	1	2	301-259	34
Desp. Portugal	13	7	2	4	266-239	29
Espinho	13	8	0	5	281-267	29
Académico	13	7	1	5	273-279	28
Maia	12	6	1	5	254-270	25
Padroense	13	6	0	7	259-251	25
S.BERNARDO	13	5	1	7	264-297	24
Desp. Póvoa	13	4	3	6	247-311	24
Académica	12	3	0	9	232-289	18
BEIRA-MAR	13	2	0	11	253-333	17
Vilanovense(a)	13	1	1	11	224-286	15

(a) — Tem uma falta de comparência.

Continua na penúltima página

ENTRE EQUIPAS FEMININAS — EXPRESSIVO
TAÇA DE PORTUGAL
TRIUNFO (36-5) DO BEIRA-MAR SOBRE O ESTRELA DE PORTALEGRE

Na tarde de 22 de Dezembro, no Pavilhão do Beira-Mar, realizou-se um dos jogos da terceira eliminatória (oitavos-de-final) da Taça de Portugal para equipas femininas, defrontando-se as turmas do Beira-Mar e do Estrela de Portalegre.

As aveirenses vincaram nítido ascendente, averbando expressiva vitória, por 36-5 (com 19-1, ao intervalo) — mas será de relevar a simpática presença e o desportivismo das moças alentejanas, que procuraram sempre replicar, sem se impressionarem com a marcha desfavorável da marcação.

O jogo (na falta de árbitros oficiais), foi dirigido por juniores do Beira-Mar (João Martins e Carlos Duarte), alinhando as equipas como segue:

BEIRA-MAR — Ofélia, Carmo (1), Lai, Lúcia (3), Te-

Continua na penúltima página

AVEIRO nos NACIONAIS

II DIVISÃO

Resultados da 12.ª jornada

ZONA NORTE

Salgueiros — Chaves	0-0
Bragança — Famalicão	5-0
Penafiel - FEIRENSE	1-0
Paços de Ferreira — LUSITANIA	3-1
Prado — Gil Vicente	0-2
LAMAS — Amarante	2-0
Riopele — Paredes	4-0
Fafe — Leixões	2-1

ZONA CENTRO

Torriense — Caldas	2-2
Nazarenos — U. Santarém	2-0
Ac.º Coimbra — OLIVEIRENSE	1-0
Naval — Portalegrense	1-0
Mangualde — Covilhã	0-2
Estrela — Ac.º Viseu	0-0
OLIV. DO BAIRRO — U. Coimbra	3-1
U. Tomar — Alcobaça	0-0

Continua na penúltima página

"Taça de Portugal"

Na segunda eliminatória da segunda fase da «Taça de Portugal» de 1979-1980, com jogos em 23 de Dezembro findo, a representação aveirense ficou reduzida a dois clubes (BEIRA-MAR e UNIÃO DE LAMAS), que actuaram nos seus campos e sairam vitoriosos, ambos à tangente (e, no que concerne aos beiramarenses, só depois de prolongamento...) Outras quatro equipas (ESPINHO, ALBA, FEIRENSE e RECREIO DE ÁGUEDA), actuando como visitantes, não puderam evitar a derrota, ficando eliminadas da prova.

Eis os resultados gerais dos desafios desta ronda da «Taça de Portugal»:

Braga, 1 — Vitória de Guimarães, 2 (depois de 1-1 no tempo normal). «O Elvas», 1 — Lusitano de Vila Real de Santo António, 0. Académico de Coimbra, 0 — Varzim, 0 (mesmo depois do prolongamento — o que forçou a jogo-de-desempate, em que os poveiros ganharam por 1-0). Sporting, 4 — ESPINHO, 1. Viseu e Benfica, 1 — Vilanovense, 0. Porto, 3 — Ginásio de Alcobaça, 0. Portimonense, 3 — Infesta, 1. Marialvas, 3 — ALBA, 2. UNIÃO DE LAMAS, 2 — Paio Pires, 1. Montijo, 0 — Marítimo, 0. Farense, 0 — União de Santarém, 0. Vasco da Gama, 2 — Peniche, 0. Académico de Viseu, 2 — FEIRENSE, 1. Cartaxo, 3 — Mogadourense, 2. Tondela, 0 — Fafe, 1. BEIRA-MAR, 3 — União de Leiria, 2 (depois de 1-1, no tempo normal). Santa Clara, 4 — Estrela da Amadora, 0. Benfica de Castelo Branco, 2 — RECREIO DE ÁGUEDA, 1. Silves, 1 — Mirandela, 1, Campinense, 2 — Nazarenos, 3. Benfica, 9 — Tadim, 0. Bragança, 2 — Maria da Fonte, 1. Belenenses, 3 — Lamego, 0. Comércio e Indústria, 1 — Alcanenense, 0. Tires, 0 — Boavista, 2. Bucelenses, 2 — Lusitano de Évora, 0. Moreirense, 0 — Leixões, 1. Penafiel, 2 — Tirsense, 0. Valdevez, 3 — Odivelas, 0. Vitória de Setúbal, 3 — Oriental, 0.

•

Para a terceira eliminatória (1/16 de final) da segunda fase da competição, os jogos efectuam-se em 13 do corrente mês de Janeiro e são os seguintes, de acordo com o sorteio a que já se procedeu:

União de Santarém (ou Farense) — Mirandela (ou Silves), Vitória de Setúbal — Vitória de Guimarães, Fafe — Bucelenses, BEIRA-MAR — Atlético de Arcos de Valdevez, Boavista — Cartaxo, Nazarenos — Sporting, Marítimo (ou Montijo) — Académico de Viseu, Belenenses — Vasco da Gama, Comércio e Indústria — UNIÃO DE LAMAS, «O Elvas» — Varzim, Penafiel — Estrela da Amadora, Benfica e Castelo Branco — Leixões, Porto — Rio Ave, Bragança — Viseu e Benfica, Benfica — Portimonense e Sporting Ideal (dos Açores) — Marialvas.

BEIRA-MAR, 3
U. LEIRIA, 2

Na antevéspera de Natal, em dia de muita chuva, no Estádio de Mário Duarte, a contar para a «Taça de Portugal», o Beira-Mar defrontou e eliminou o União de Leiria, ganhando

Continua na penúltima página

Campeonato Nacional da I Divisão

ARQUIVO

Resultados da 14.ª jornada

Marítimo — Estoril	adiado
Belenenses — União de Leiria	2-1
Sporting — V. Guimarães	2-0
Varzim — BEIRA-MAR	1-0
Boavista — Porto	0-1
ESPINHO — Rio Ave	1-0
Braga — V. Setúbal	3-1
Portimonense — Benfica	0-2

Jogos em atraso

Sporting — V. Setúbal	4-1
Boavista — Estoril	1-0

Tabela de pontos

	J	V	E	D	Bolas	P
Sporting	14	11	1	2	33-11	23
Porto	14	10	3	1	26-4	23
Benfica	14	10	2	2	35-10	22
Belenenses	14	8	3	3	14-12	19
Boavista	14	7	3	4	25-15	17
V. Guimarães	14	5	6	3	14-15	16
ESPINHO	14	5	4	5	12-21	14
Braga	14	5	3	6	19-19	13
Varzim	14	5	2	7	16-20	12
Marítimo	12	3	5	4	7-14	11
Estoril	13	2	7	4	8-13	11
U. Leiria	14	3	4	7	17-21	10
V. Setúbal	14	4	2	8	15-23	10
Portimonense	13	3	3	7	8-23	9
BEIRA-MAR	14	2	3	9	12-22	7
Rio Ave	14	1	1	12	9-27	3

Próxima jornada — dias 5 e 6

Estoril — Belenenses
União de Leiria — Sporting
V. Guimarães — Varzim
BEIRA-MAR — Boavista
Porto — ESPINHO
Rio Ave — Braga
V. Setúbal — Portimonense
Benfica — Marítimo

Más saídas...
VARZIM, 1
BEIRA-MAR, 0

Jogo na Póvoa do Varzim, no domingo, sob arbitragem do sr. Pedro Quaresma, auxiliado pelos srs. Joaquim Carvalho (acompanhando o ataque dos poveiros) e Luís Mónica (seguindo o ataque dos aveirenses) — equipa da Comissão Distrital de Lisboa.

Os grupos formaram como segue:

VARZIM — Jesus; Vitoriano, Torres, Albino e Cacheira; Pinto, João e Formosinho; André, Brandão e José Domingos.

BEIRA-MAR — Zé Beto; Manecas, Cansado, Sabú e Teixeirinha; Cremildo, do Germano e Veloso; Jairo, Niromar e Nelson Moutinho.

Substituições — Nos varzinistas, aos 79 m., Brandão foi rendido por Palhares; e, non beiramarenses, aos 64 m., entrou Serginho, saindo Cre.

Continua na penúltima página

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 20 DO «TOTOBOLA»

6/Janeiro/1980

1 — Estoril — Belenenses	2
2 — U. Leiria — Sporting	2
3 — Guimarães — Varzim	1
4 — Beira-Mar — Boavista	1
5 — Rio Ave — Braga	1
6 — Setúbal — Portimonense	1
7 — Famalicão — Penafiel	1
8 — Amarante — Riopele	X
9 — Chaves — Leixões	1
10 — Torriense — Nazarenos	X
11 — U. Santarém — Académico	2
12 — Farense — Nacional	1
13 — Lusitano — Oriental	1

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 21 DO «TOTOBOLA»

13/Janeiro/1980

1 — Setúbal — Guimarães	1
2 — Nazarenos — Sporting	2
3 — Penafiel — E. Amadora	1
4 — Fafe — Bucelense	1
5 — C. Indústria — U. Lamas	1
6 — Benf. C. Branco — Leixões	2
7 — Bragança — Viseu Benfica	1
8 — Espanhol — Barcelona	2
9 — Almeria — R. Valhecano	1
10 — Saragoça — Valência	X
11 — Bétis — A. Bilbau	1
12 — Salamanca — A. Madrid	X
13 — Hércules — Málaga	1

XADREZ DE NOTÍCIAS

Começou a ser editado, em Dezembro findo, um «Boletim Informativo» da Direcção-Geral de Desportos, Delegação de Aveiro — publicação que terá periodicidade mensal.

Com apoio da Comissão Técnica Regional, o Beira-Mar organizou um **Torneio de Natal** (em andebol de sete), para equipas de iniciados.

A turma do Amoníaco, de Estarreja, venceu a competição — de que, mais de espaço, falaremos no próximo número.

Por iniciativa da Associação de Atletismo de Aveiro, vai realizar-se nesta cidade, durante o corrente mês de Janeiro, um Curso de Captação e Formação de Juízes de Atletismo, visando um conveniente apetrechamento do sector de arbitragem da modalidade no nosso Distrito.

O nadador «olímpico» José Baltar Leite, do Fluvial Portuense, viu coroada de êxito a sua tentativa para melhorar o «record» nacional dos 1.500 metros-livres — ao conseguir o tempo de 15.52.90 (melhorando a anterior marca, que lhe pertencia, com 16.20).

A prova teve como palco a piscina de Aveiro, em 19 do passado mês de Dezembro. Assinale-se, ainda, que Baltar Leite (que «tem muita fé» na piscina aveirense...) bateu também, na passagem, o «record» dos 800 metros-livres, com o tempo de 8.28.50.

Espera-se que, já a partir do corrente mês, as turmas beiramarenses de juniores, juvenis e iniciados voltem a realizar em Aveiro, no Campo Paula Dias, os jogos de futebol dos Campeonatos Distritais — dado que o Beira-Mar requereu, há dias, a necessária vistoria do campo à Associação de Futebol de Aveiro.

Continua na penúltima página

AVEIRO, 4 DE JANEIRO DE 1980

ANO XXV

ORTE
AGO

Exmº Senhor
João Sarabando
AVEIRO